

Cristiane de Freitas  
Cunha<sup>1</sup>

Olívia Loureiro Viana<sup>2</sup>

Patrícia Regina  
Guimarães<sup>3</sup>

Rejane Reis<sup>4</sup>

Rosimery Iannarelli<sup>5</sup>

Suzana Tayer do  
Amaral<sup>6</sup>

Tânia Maria Gomes<sup>7</sup>

Thereza Christina  
Portes Ribeiro de  
Oliveira<sup>8</sup>

# Arte na espera: tecendo uma rede de acolhimento para o adolescente e para a família

*Art in the waiting: weaving a network host for the adolescent and family*

## > RESUMO

O projeto Arte na Espera constitui uma das atividades do Núcleo de Saúde do Adolescente do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (HC-UFMG) em parceria com o Instituto Undió. A construção da interface entre arte e saúde propicia um acolhimento vivo dos adolescentes, familiares e acompanhantes, que se apropriam desse espaço e estabelecem uma interlocução com a equipe interdisciplinar. Essa equipe tece a construção do caso clínico: os saberes se entrelaçam, mas não se completam; um espaço central é o do saber do próprio adolescente, especialista de si mesmo. Observa-se que os adolescentes, que muitas vezes se encontravam *sem lugar*, encontram no projeto um referencial. Alguns, a partir desse ponto, tecem laços mais amplos na cidade. Os familiares e acompanhantes podem expressar suas próprias questões no convívio com os pares e profissionais em torno da mesa do bordado, do café, da poesia. Os alunos da Graduação e da Pós-graduação aprendem muito sobre o acolhimento e sobre a construção de uma prática clínica viva e interdisciplinar.

## > PALAVRAS-CHAVE

Saúde, adolescente, arte, serviços de saúde do adolescente.

<sup>1</sup>Doutora em Saúde da Criança e do Adolescente. Professora Associada do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, MG, Brasil.

<sup>2</sup>Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Artes Plásticas pela Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Belo Horizonte, MG, Brasil.

<sup>3</sup>Doutora em Saúde da Criança e do Adolescente. Preceptora da Especialização em Saúde do Adolescente do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (HC-UFMG). Pediatria do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Prefeitura de Belo Horizonte. Belo Horizonte, MG, Brasil.

<sup>4</sup>Especializanda em Saúde do Adolescente do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (HC-UFMG). Pediatria da Prefeitura de Belo Horizonte. Belo Horizonte, MG, Brasil.

<sup>5</sup>Especializanda em Saúde do Adolescente do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (HC-UFMG). Belo Horizonte, MG, Brasil.

<sup>6</sup>Preceptora da Especialização em Saúde do Adolescente do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (HC-UFMG). Coordenadora do Programa de Apoio a Família e Adolescente (PAFA) da Copasa MG. Belo Horizonte, MG, Brasil.

<sup>7</sup>Especializanda em Saúde do Adolescente do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (HC-UFMG). Belo Horizonte, MG, Brasil.

<sup>8</sup>Artista Plástica. Preceptora da Especialização em Saúde do Adolescente do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (HC-UFMG). Professora da Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e Coordenadora do Instituto Undió. Belo Horizonte, MG, Brasil.

Suzana Tayer do Amaral (suzana.tayer@gmail.com) - Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) - Av. Prof. Alfredo Balena nº 110, Santa Efigênia, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 30130.100.  
Recebido em 15/12/2014- Aprovado em 08/02/2015

## > ABSTRACT

The project Art in Waiting is one of the Nucleus of the Adolescent Health activities of the Hospital of Clinics, Universidade Federal de Minas Gerais (Federal University of Minas Gerais) (HC-UFGM) in partnership with the Instituto Undió. The construction of the interface between art and health, provides a warm welcome to adolescents, relatives and companions, who appropriate this space and establish a dialogue with the interdisciplinary team. This team weaves the elaboration of the clinic case: knowledges intertwine, but do not complete each other; a central space is the knowledge of the adolescent, an expert of himself. It is observed that adolescents who often considered themselves *with no place*, found a reference in the project. Some, from that point, weave broader ties in the city. Family members and caregivers can express their own questions when socializing with peers and professionals around the table of embroidery, coffee or poetry. Undergraduate and Graduate Students learn much about how to host and about the construction of a living, interdisciplinary clinical practice.

## > KEY WORDS

Health, adolescent, art, adolescent health services.

## > INTRODUÇÃO

### *Arte na Espera*

O Núcleo de Saúde do Adolescente (NSA) do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (HC-UFGM) foi fundado em 1993. O trabalho interdisciplinar entrelaça a clínica, o ensino e a pesquisa. A medicina, com seu arsenal semiológico, deseja separar o joio do trigo. Os diagnósticos, cada vez mais, prescindem do doente, dos sintomas, da clínica.

Nesse Núcleo, recolhemos o joio. É uma clínica do resto, que recebe encaminhamentos de adolescentes “completamente descontrolados”, que não aderem ao tratamento, que fracassam na escola, que se recusam a comer, que vomitam, que se cortam, que se drogam, que transgridem a lei. A equipe interdisciplinar tece a rede que abriga o joio, aquilo que escapa às práticas protocolares, regidas pela objetividade e pela lógica da avaliação (Cunha CF, 2014).

O projeto Arte na Espera constitui uma das atividades do Núcleo de Saúde do Adolescente do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais, em parceria com o Instituto Undió, desde agosto de 2013. O Instituto Undió é uma organização sem fins lucrativos cuja proposta é criar oportunidades por meio da arte, da educação e da cultura, para que jovens, em condição de vulnerabilidade social, suplantem

os obstáculos impostos pelo meio em que vivem e escolham seus próprios caminhos.

O atendimento aos adolescentes e familiares é feito por equipe interdisciplinar, às sextas-feiras pela manhã, e ocupa todo o segundo andar do Ambulatório São Vicente, anexo do Hospital das Clínicas da UFGM. Os adolescentes e familiares, que aguardam atendimento médico na sala de espera, desenvolvem atividades de arte nesse espaço, transformando o ambulatório em um ambiente que contempla a saúde, a criatividade e o pensamento crítico.

Em nossa experiência, verificamos que a arte é fundamental, exercita nossa habilidade de estabelecer significados não verbalizados. “Arte não é apenas básico, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano” (Barbosa AM, 2002).

O projeto foi contemplado, recentemente, pelo Programa de Socialização Infanto-Juvenil do Conselho Municipal da Criança e do Adolescente e pelo Laboratório de Inovações em Atenção à Saúde Integral de Adolescentes e Jovens do Ministério da Saúde. O projeto se insere no Observatório da Saúde da Criança e do Adolescente do Departamento de Pediatria da

Faculdade de Medicina da UFMG e no Grupo de Pesquisa Subjetividade e Cultura, vinculado ao Mestrado Profissional da Faculdade de Medicina da UFMG. Ele se inscreve, também, no Laboratório A Janela da Escuta do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança e o Adolescente (CIEN) do Campo Freudiano.

#### *A arte da espera*

A adolescência, a mais delicada das transições, é uma resposta à invasão do corpo pela puberdade. As palavras são insuficientes para traduzir o exílio da infância e o despertar da primavera, com a possibilidade do encontro com o amor, com a sexualidade (Lacadée P, 2011). O projeto Arte na Espera oferece outras possibilidades de tradução, que instigam a elaboração simbólica e, às vezes, a ultrapassa. Esta proposta se mostra inovadora por sugerir a interlocução entre saúde, subjetividade e cultura no espaço da saúde e, a partir daí, na cidade. A começar do projeto, adolescentes que viviam restritos ao seu microterritório passaram a circular pelos circuitos de arte da cidade e criaram páginas sobre arte e cultura nas redes sociais, construindo um percurso de paciente a protagonista.

O projeto proporciona, através da arte, um acolhimento para o adolescente e sua família, que se sentem valorizados e confiantes, estreitando laços de amizade e pertencimento. É comum as mães se oferecerem para ensinar às companheiras pontos de bordado ou crochê, o que possibilita trocas intermináveis e duradouras.

A tarefa de bordar uma toalha, que é usada em um café coletivo, dá continuidade a outro trabalho que vem sendo realizado com grupos de mulheres de outras partes do Brasil. O café, que marca o encerramento das atividades de cada semestre, é seguido por uma roda de conversa, na qual os adolescentes, familiares e a equipe do projeto discutem o trabalho. A oportunidade de usar a arte junto a uma equipe interdisciplinar formada por médicos, psicólogos, assistentes sociais e outros, enriquece e facilita o trabalho e a construção da transferência do ado-

lescente e das famílias, que se apropriam do espaço de saúde. Essas oportunidades promovem o que a equipe nomeia como janela da escuta, o que vem confirmar a reflexão do professor Roberto Assis Ferreira: *escutar é ouvir o não dito*.

## JUSTIFICATIVA

Adolescentes que apresentam doenças crônicas, questões psíquicas, impasses familiares, escolares e que sofrem violência são os que procuram atendimento no Ambulatório São Vicente de Paula do Hospital das Clínicas da UFMG. Alguns desses adolescentes são provenientes dos Centros de Internação acompanhados de agentes socioeducativos e outros são acompanhados pelas mães, vizinhos ou familiares.

Uma obra de arte nos arrasta para seu mundo; no entanto, é uma revelação sobre a realidade que nos rodeia (Salles CA, 1998). Ao desenvolver as oportunidades de produzir arte, como o desenho, a pintura, a modelagem, o jovem se envolve com suas emoções, e expressa esses sentimentos de maneira lúdica e criativa. O projeto também acolhe as mães e acompanhantes que desenham e bordam com linhas coloridas suas histórias de vida em uma grande toalha. Enquanto bordam, conversam, estabelecem e estreitam laços de amizade, criando um espaço onde pessoas de todas as esferas do conhecimento podem expressar suas ideias abertamente. Através do fazer arte de maneira colaborativa o trabalho se torna mais rico, facilitando a comunicação de pessoas de culturas diferentes.

## OBJETIVOS

### *Gerais*

Investigar as possibilidades da interface arte e saúde como facilitadora para o adolescente lidar com a sua adolescência e com o mundo à sua volta, apostando em uma transição mais delicada e em sua apropriação do espaço de saúde e da cidade.

### Específicos

Colaborar com a equipe interdisciplinar do Ambulatório de Saúde do Adolescente na prevenção de doenças e da violência e promoção da saúde e da paz dos adolescentes e familiares.

Promover um acolhimento diferenciado para as mães e familiares dos adolescentes em atendimento ambulatorial, através de ações criativas de arte contemporânea que gerem laços de amizade, pertencimento e apoio mútuo.

Oferecer um espaço que proporcione e vincule o adolescente e sua família ao Núcleo de Saúde do Adolescente do HC-UFMG, abrindo uma janela de escuta que amplie a visão dos casos atendidos.

Observar como se dá o processo de inserção do adolescente no mundo da arte.

## > MÉTODOS

Trata-se de um projeto de extensão, ensino e pesquisa, que envolve uma intervenção com adolescentes e familiares e o estudo dos seus efeitos na clínica, na subjetividade e na cultura. A extensão é o próprio trabalho clínico, interdisciplinar. A vertente do ensino abrange a formação que é oferecida aos estudantes de Medicina, aos especializando em Saúde do Adolescente, aos residentes de Saúde da Mulher, Saúde Mental e Pediatria. A pesquisa traduz a postura de uma reflexão contínua sobre a prática.

As produções artísticas dos adolescentes e dos familiares integram a discussão do caso clínico, assim como as falas recolhidas na sala de espera. Há, em média, vinte adolescentes que participam das atividades, sendo que um grupo fixo já se constituiu. Mães, avós e agentes socioeducativos são acolhidos pela arte e pela saúde.

### *Descrição do processo das oficinas de arte com os adolescentes*

Uma primeira questão que se coloca às oficinas do Arte na Espera é a frequência dos adolescentes ao hospital - alguns frequentam o ambulatório semanalmente, outros mensal-

mente, alguns chegam pela primeira vez. Como realizar um trabalho contínuo com aqueles que estão presentes em todas as semanas, mas também incluir e incitar os pacientes novos ou menos frequentes? Os caminhos traçados frente a esse desafio se deram – e se dão – através da experiência de cada dia de oficina. As estagiárias de arte têm sempre propostas a fazer - seja uma nova dinâmica, um novo material ou um projeto contínuo. Entretanto, a metodologia de trabalho é sempre aberta, fluida, construída a partir da demanda dos participantes, que por vezes acrescentam ideias inesperadas ou fazem usos surpreendentes dos materiais, enriquecendo as atividades e trazendo novos desdobramentos. Consideramos a participação ativa dos pacientes na construção das atividades indispensável para as práticas artística e clínica que, acreditamos, incluem o desejo do sujeito.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO <

O Arte na Espera é um projeto que enlaça a extensão, a pesquisa e o ensino, sustentados pelos referenciais da arte, da saúde, da psicanálise. Os alunos da Graduação, da Especialização, da Residência e do Mestrado Profissional têm a oportunidade de vivenciar uma interdisciplinaridade que se constrói em torno de cada caso. Trata-se de uma prática clínica, artesanal, que visa o detalhe do caso, a subjetividade do paciente, de cada familiar. Mas a discussão contempla também o cenário: o adolescente, a família, o entorno, a cidade.

Há um acolhimento vivo de cada adolescente e de cada familiar. Acolhimento que se traduz na oferta de uma escuta interessada no que o outro tem a dizer, oferta de um lugar de pertencimento, transitório para alguns que, a partir desse ponto, se inserem em outros espaços da cidade. Um espaço que promove, a partir do caso, uma interlocução com a rede de saúde, de assistência social, de educação.

O projeto é um ponto de condensação e de difusão. O acolhimento contínuo abre as

questões: é um caso para o projeto, outros lugares devem ser apontados? O adolescente nos guia nesse trabalho de construção. Podemos pensar que somos um guia, mas é o adolescente que nos precede.

Um efeito do trabalho é o de insuflar vida no cotidiano de trabalho no Ambulatório. Adolescentes, familiares e profissionais chegam a partir das 07:00h, a cada sexta-feira, com entusiasmo. Uma adolescente fala: *é o único dia que eu acordo sem fazer birra...* Há um espaço que acolhe a singularidade e as invenções de cada adolescente. Um deles, extremamente debilitado por uma doença neurológica, diz que seu sonho era estudar filosofia. Uma das estagiárias, formada em filosofia, se dispõe a estudar com ele.

Outro adolescente, que estava trancado no quarto há um ano, aceita conhecer o Arte na Espera. Fala que é músico e, diante do convite para trazer seu instrumento, nos surpreende com a resposta: *posso ser professor de violino*. Desde então, temos aula de música, acompanhada a pedido do adolescente, pelos cânticos da equipe.

Uma adolescente morreu e sua mãe retornou algumas vezes. Uma das pediatras relata o que um paciente falou sobre a comemoração do seu aniversário no Arte na Espera: *foi o melhor dia da minha vida*. A pediatra indagou por que. *Você ainda me pergunta? Você não viu como fiquei importante. Ganhei até bolo e todos me abraçaram*. O adolescente acrescenta: *sabe, gosto muito de vir aqui, aqui tenho amigos, tenho você, tenho a Thereza e tenho a minha mãe*. A pediatra pontua que a mãe está com ele em outros lugares. O adolescente conclui: *mas aqui ela está mais!* Na sala de espera a mãe desse aniversariante borda na toalha coletiva: *minha casa, minha vida*, e diz que é preciso tornar aquele sonho realidade. Até esse momento, ela e o filho moravam com a avó materna e com os tios, sem um lugar próprio. Um adolescente deficiente auditivo que vivia restrito na sua casa se torna um artista e se apropria da cidade construindo seu próprio circuito cultural: visita exposições, mostras de performances, eventos em praças públicas e participa de mesa redonda em Seminários representando o Projeto

Arte na Espera. Um adolescente, originário de um Centro de Internação, chegou ao ambulatório bastante arredio. Ao longo das semanas, começou a se integrar ao grupo e a participar das atividades e, a partir da interação com os outros adolescentes e com as estagiárias da arte, começou a participar das dinâmicas coletivas. Desenhava, repetidas vezes, seu nome derretido sobre um muro de tijolos. No decorrer das oficinas, o muro foi diminuindo e dando espaço ao nome que crescia e ganhava cor, além de também dar lugar a novos desenhos. Enquanto isso, diminuíram as barreiras desse adolescente na relação com a equipe clínica e com o agente socioeducativo que o acompanhava ao ambulatório. Esse último relatou os efeitos do projeto: *foi aqui que me tornei um agente socioeducativo*.

As impressões recolhidas pelos profissionais na sala de espera têm enriquecido a discussão clínica, trazendo dados novos ao caso, apreendidos em espaço diferenciado daquele do atendimento individual. Com frequência, a equipe é surpreendida com relatos inesperados.

A realização desse trabalho tem, ainda, permitido aos profissionais em formação – alunos do curso de medicina, residentes em pediatria, psiquiatria, saúde da mulher, especializando em saúde do adolescente – vivenciarem abordagem diferenciada do jovem e sua família, enriquecendo a experiência clínica.

Simple, e ao mesmo tempo tão rico em vivências e possibilidades, o Arte na Espera é uma inspiração, que permitiu a ampliação do trabalho para outro espaço de atendimento: o ambulatório Orestes Diniz, com o objetivo de acolher adolescentes e jovens com doenças infecciosas e parasitárias, principalmente a infecção pelo HIV, atendidos no serviço - Projeto em implantação que pretende desenvolver atividades também com familiares.

A percepção dos profissionais que frequentam o ambulatório é de que a sala de espera é um espaço transformador, para os próprios profissionais e seus pacientes, um lugar que permite ao jovem e sua família estabelecerem uma relação diferente com o serviço, com a equipe de saúde,

e se posicionarem como sujeitos diante de sua saúde e de sua vida. Os depoimentos recolhidos dos profissionais que passam pelo ambulatório e dos usuários na avaliação feita ao final de cada semestre atestam a importância desse trabalho.



Oficina de desenho no Ambulatório São Vicente de Paula



Adolescente bordando a toalha das mães



Oficina de autorretrato



Autorretrato utilizando a técnica de monotypia



Intervenção na rua do Ambulatório São Vicente de Paula (Café das Mães)



Mães e acompanhantes bordando a toalha coletiva na sala de espera



Mostra de Cinema na sala de espera

## ➤ CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto provocou uma mudança significativa no cotidiano de trabalho da equipe interdisciplinar com os adolescentes e familiares. A espera, antes marcada pelo tédio, tornou-se convívio; muitos vão ao Ambulatório para o Arte na Espera. O acolhimento se dilatou; antes da primeira entrevista, as falas, bordados e desenhos já anunciam o novo caso. Os adolescentes reconhecem o espaço como deles, gerenciam a página do projeto nas redes sociais, são convidados para falar em congressos. Os acompanhantes, especialmente as mães, são acolhidos pelos pares e pelos profissionais. O bordado não exige técnica ou saber prévio. Elas bordam e conversam; as questões mais delicadas e singulares são acolhidas por alguns dos profissionais, com privacidade e sigilo.

Trata-se de um trabalho árduo, os casos são encaminhados porque são muito complexos. Mas a marca do trabalho é o afeto e a alegria por participarmos juntos na construção de uma cidade mais habitável e aprazível para os adolescentes e jovens.

Antes, somente uma espera que parecia interminável; hoje, novas dimensões para a espe-

ra, com interações que a arte possibilita. Assim, vão sendo tecidas novas oportunidades para o desenvolvimento da saúde e da cidadania.

A cada encontro vivencia-se uma socialização prazerosa, marcada por novas descobertas, novos valores e novas emoções que resultam em melhora do relacionamento familiar, maior aceitação e entendimento de si e do outro.

Essa experiência incentiva a utilização cada vez maior deste espaço como troca de experiência de vida e produção de conhecimentos. A alegria estampada nos rostos de mães, pais, acompanhantes e dos adolescentes sinaliza que esta forma de pensar este espaço efetivamente contribui para melhoria da atenção aos jovens e seus familiares.

## RECOMENDAÇÕES ◀

Diante da complexidade da abordagem ao adolescente, constantes adaptações e outras formas de atenção devem ser consideradas. O atendimento do Projeto Arte na Espera contempla o tripé: acolhimento vivo, a janela de escuta e a arte, possibilitando que a abordagem do adolescente, iniciada na sala de espera, possa ampliar os horizontes de seu atendimento. A consideração à singularidade do adolescente se concretiza no trabalho da escuta e valorização da subjetividade de cada um, que pode ser replicado à semelhança desse modelo em outros contextos ambulatoriais e hospitalares.

O modelo considera, também, a necessidade de integração do serviço de saúde com a família e a comunidade em que o adolescente está inserido, considerando sua realidade e ênfase no estabelecimento de uma rede de apoio articulada fortalecendo os vínculos familiares e comunitários. A intersetorialidade visando à integração de todos seria, a nosso ver, uma grande possibilidade de saídas para cada adolescente.

---

> **BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA**

- Barbosa AM. A imagem no ensino da arte. São Paulo: Perspectiva; 1991.
- Barbosa AM. Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo: Cortez; 2002.
- Canton K. Coleção temas da arte contemporânea. São Paulo: Martins Fontes; 2009.
- Canton K. Novíssima arte brasileira: um guia de tendências. São Paulo: Iluminuras; 2000.
- Cocchiarale F. Quem tem medo da arte contemporânea? Recife: Massangana; 2007.
- Cunha CF. A janela da escuta. Belo Horizonte: Scriptum; 2014.
- Favaretto C. A invenção de Hélio Oiticica. São Paulo: EDUSP/FAPESP; 1992.
- Ferreira G, Cotrim C, organizadores. Escritos de artistas: anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2006.
- Krug EG, Dahlberg LL, Mercy JA, Zwi AB, Lozano R, editors. World Report on violence and health. Geneva: World Health Organization; 2002
-